

ANAIS DO
IV SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

COLONIZAÇÃO E
MIGRAÇÃO

XXXI

Coleção de *Revista de História* sob
a direção do Prof. Eurípedes
Simões de Paula.



São Paulo
1969

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SÔBRE UMA CIDADE DE IMIGRAÇÃO TEUTO-ITALIANA E OS EFEITOS DO SEGUNDO CONFLITO MUNDIAL (*).

JÚLIA MARIA LEONOR SCARANO

Da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio
Claro da Universidade de Campinas (SP).

Em relação à imigração germano-italiana, o município de Rio Claro oferece especial interesse, pois, desde o século passado, diversos grupos aqui se estabeleceram tentando as primeiras experiências de conjugar o trabalho livre de colonos estrangeiros ao trabalho escravo, numa tentativa particular de solucionar o problema da mão-de-obra.

Também sob outro aspecto o município rio-clarense constitui um caso de certo modo peculiar, uma vez que, as imigrações italiana e alemã tiveram igual intensidade e as influências dos dois grupos se fizeram sentir com relativa profundidade. Do mesmo modo, é possível dizer-se que não houve a formação de quistos e a integração desses elementos não ofereceu problemas sérios.

Essas circunstâncias nos levaram à conclusão de que seria interessante estudar as reações de uma comunidade de tamanho médio, com uma população de alemães e italianos e seus descendentes, diante de um acontecimento complexo como foi a segunda guerra mundial.

Esse estudo visou documentar como se processou a imigração e colonização germano-italiana e o seu comportamento e de como a população local, pressionada pelos acontecimentos internacionais, reagiu em relação aos membros daquelas comunidades.

A fim de verificar tais reações, baseamo-nos em documentos contemporâneos que refletissem esses aspectos, isto é, depoimentos pessoais dos membros desses e de outros grupos, jornais e outros documentos específicos baseando-nos apenas em fontes rio-clarenses.

Este é o primeiro resultado de uma pesquisa mais detalhada e completa que continuaremos oportunamente.

(*). — Comunicação apresentada na 6ª sessão de estudos, no dia 6 de setembro de 1967 (*Nota da Redação*).

Colaboraram neste trabalho alunos do 4.º ano de História Contemporânea do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, da Universidade de Campinas (São Paulo): Maria José Frasson, Maria Regina Constanzo Silva, Adelina Aparecida Magalhães e Adelina Paschoal. Também os alunos Terezinha D'Aquino, Sebastião Baiocco e Sílvia Maria Pezzotti, que realizaram algumas das entrevistas. Os gráficos foram feitos por Maria Regina Constanzo Silva.

Segundo Tschudi (1), quando se substituiu a pouco rendosa cultura da cana pela do café, tão exigente de mão-de-obra, foi que se pensou na vinda de estrangeiros para a zona oeste de São Paulo. Além de suíços, aqui chegaram imigrantes alemães

“na sua maioria prussianos e bávaros, renanos e camponeses do Holstein” (2).

A explicação de que os de Holstein eram trabalhadores do campo, faz supor que os outros não o eram, o que vem confirmar a afirmação de Sérgio Buarque de Holanda (3) de que eram muito poucos os trabalhadores rurais que vinham entre os imigrantes, apesar de que eles eram contratados para exercerem uma profissão agrícola. Ao lado dessa questão, há o fato do meio ser diferente, hostil e com um tipo de agricultura nada semelhante à da Europa.

O sucesso inicial das fazendas de parceria, fêz com que os membros da firma Vergueiro e Cia. se transformassem em “importadores” de colonos, conforme a crítica, não só de Tschudi, mas também de Davatz. Rio Claro, ao lado de Limeira, Constituição (Piracicaba), Pirassununga, Amparo, Jundiá foi um dos núcleos onde se tentou o esforço de superar o grave problema da mão-de-obra. O descontentamento dos colonos, tão vivamente narrado por Davatz, mostra bem a impossibilidade de tal conciliação.

Imbuído de sonhos grandiosos, como todo o emigrante, sem preparo de uma técnica rural, encontrando um meio difícil e uma situação profissional pouco vantajosa, o colono se desiluiu do trabalho agrícola e demandou a zona urbana. Nela, muitos d'êles exerceram atividades semelhantes às que tinham em suas terras. Montaram serrarias, selarias e outras pequenas indústrias, estreitamente ligadas às necessidades da zona rural.

Muitos estudiosos europeus e viajantes do século passado, acen-tuam a influência que êsses colonos exerceram na vida dessas comu-

(1). — J. J. Von Tschudi, *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, São Paulo, Livraria Martins Editôra, 1954.

(2). — *Ibidem*, p. 134.

(3). — Davatz, *Memórias de um Colono no Brasil*, prefácio de Sérgio Buarque de Holanda, (São Paulo. Livraria Martins Editôra, pág. 10).

nidades. No município de Rio Claro, já existiam 1.000 estrangeiros em 1860 (4), antes do grosso da imigração germânica, que segundo Willems (5) se localiza entre 1884 e 1893, tendo porém Santa Catarina e Rio Grande do Sul como epicentros.

Willems acentua que a questão religiosa foi um problema que dificultou a integração do elemento germânico protestante, e mostra que o suíço e o alemão católicos puderam se integrar com muito mais facilidade no nosso meio. O recém-chegado de outra religião era visto com desconfiança pela população local, pelos imigrantes católicos de sua terra que já traziam antagonismos religiosos.

O Império Brasileiro, pelo próprio fato de ter uma religião de estado não tinha condições para integrar perfeitamente bem essa gente estranha, de fala “arrevizada” e de outra religião, apesar de todas as suas afirmações de tolerância. Willems também acentua que

“a associação específica de germanismo e protestantismo fez da Igreja Evangélica Alemã no Brasil um foco de resistência à assimilação” (6).

Os protestantes recém-chegados não viam com bons olhos os “papistas” que, como acentua Davatz, se mostraram muito ignorantes a respeito de sua fé. Em Rio Claro (7) vê-se que os protestantes procuram imediatamente solucionar o abandono religioso em que se encontravam, a princípio improvisando e depois chamando da Europa os seus pastores. Desde 1875 já havia dois ministros evangélicos enviados pela Igreja-mãe que organizaram a comunidade, mesmo antes da construção da igreja. Em 1883 erigiu-se a Igreja Evangélica Alemã de Rio Claro, também conhecida por Igreja Luterana, filiada ao Sínodo do Brasil Central. Os presbiterianos já tinham construído a sua, dez anos antes. Aliás, os presbiterianos tinham feito de Rio Claro um centro missionário, chefiado sobretudo por portugueses e brasileiros, que substituíram os primeiros pastores alemães.

Nas *Memórias de um Colono no Brasil*, já se nota a importância dada ao aspecto religioso e o desejo de se conservarem protestantes naquele meio essencialmente católico. A igreja era um traço de união, onde se agregavam a maior parte dos colonos alemães e suíços.

Willems diz que êsses alemães eram mal vistos por causa de suas exigências, constatado pelos diretores da firma Vergueiro e Cia., quan-

(4). — Emílio Willems, *A aculturação dos alemães no Brasil* (São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1946).

(5). — *Ibidem*.

(6). — *Ibidem*, p. 182.

(7). — Nelson Martins de Almieda, *Album de Rio Claro* (Rio Claro. Estabelecimento Gráfico Pantaleão, 1951).

do da revolta narrada por Davatz. Por isso, logo se deu preferência ao italiano, vindo muitas vezes de regiões tão subdesenvolvidas como o oeste paulista da época e mais propenso a não exigir demasiado do país que o recebia.

Para a zona de Rio Claro, é de 1880 a 1890 o período áureo da imigração italiana no século XIX. Do mesmo modo que os alemães, procuravam sobretudo a zona rural, nela permanecendo geralmente, apesar de que muitos se dirigiam para a zona urbana, sobretudo comerciantes e profissionais que já vieram da Europa com essa intenção. Alguns, entretanto, ficaram pouco tempo na lavoura.

Em um trecho extraído do jornal *O Século XIX* (Rio Claro) (8) quando se comenta a segunda visita do Imperador à cidade, em 1886, lemos:

“Antes de darem treguas aos seus reais estômagos, apresentaram-se às janelas em frente das quais tocavam duas bandas de música postadas em coretos, sendo por essa ocasião saudados por outros vivas da Colônia Italiana”,

já representativa na época. Em 1891, os italianos vão constituir uma sociedade com a denominação de *Società Italiana di Mutuo Soccorso* nome significativo, pois supõe uma união entre os imigrantes e um desejo de se protegerem mutuamente. Muitos deles, aliás, pertenciam à mesma família ou habitavam a mesma região da Itália, uma vez que eram as notícias que mandavam aos parentes e amigos que os levavam a emigrar. Quase sempre a região escolhida por um homem ou por uma família, era aquela em que sabia encontrar conhecidos que poderiam orientá-lo e ajudá-lo numa terra estranha. Se bem que Willems acenou a falta de solidariedade e de espírito cooperativo entre os alemães, não cremos que isso tenha acontecido na zona de Rio Claro, já que, além da Igreja, eles fundaram o *Deutscher Männer Gesangverein* e logo que lhes foi possível, criaram um Colégio Alemão, que sempre gozou de merecida fama, até em outras províncias. Não lhes faltava, portanto, onde se reunirem e se ajudarem.

Os italianos, como os alemães, manifestaram desejo de conservar a própria nacionalidade, tanto que, nos primeiros anos que se seguiram à chegada desses imigrantes, os casamentos se faziam em geral entre os membros da mesma nacionalidade. Consultando 18 licenças de casamentos de italianos que encontramos no arquivo do Museu Histórico da cidade (9), que dizem respeito aos anos de 1891 a 1896, 17 são entre italianos de nascimento e há apenas um

(8). — *O Século XIX*, [citado por Nelson Martins de Almeida], *op. cit.*

(9). — Arquivo Histórico, Museu Histórico-Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”, de Rio Claro (S.P.). Registro de Casamentos de Imigrantes (1891-1896).

que se casa com moça brasileira. O registro de casamento do único alemão encontrado nesses papéis, nos mostra que êle também se casou com alemã. Além do italiano já mencionado, há o casamento de um suíço com brasileira. Uma vez que a religião não os distinguia dos membros da comunidade, procuravam se agrupar pelo matrimônio ou através de sociedades onde pudessem se encontrar e eventualmente, socorrer os mais necessitados. Logo, possivelmente, porque não mais era necessário um *mutuo soccorso*, o nome da sociedade passou a ser *Società Italiana di Instruzione e Beneficenza*, mostrando a tendência paternalista dos grupos que já gozavam de boa situação social e econômica e se tornaram certamente os líderes da colônia. Dessa data, 1894, a sociedade passa a se desenvolver sempre mais. A diretoria, que, quando da fundação do primeiro núcleo era totalmente formada por italianos, agora passa a congregar dirigentes também de outras nacionalidades. Vê-se que alguns dos membros diretores têm nomes nitidamente brasileiros, o que significa que houve mútua aceitação. Essa integração ainda se acentua mais com o aparecimento de nova sociedade, de finalidade diferente, saída aliás do mesmo grupo que formava a anterior, a *Sociedade Dramática Dansante Umberto I*. Tendo desaparecido os livros das duas sociedades, com uma única exceção não nos é possível seguir a evolução que sofreram com o passar dos tempos e a inclusão de um número cada vez maior de brasileiros e pessoas de outra nacionalidade em seus quadros sociais. Num discurso comemorativo da centésima festa patrocinada pela Umberto I, lemos:

“Há um quarto de século, a nostalgia de uma pátria distante gerava, sob a invocação do nome querido de um monarca, êste *Circolo*, destinado a constituir em alheias plagas a lembrança do torrão natal” (10).

Se, em 1901, quando da sua fundação, êsse *Circolo*, de cunho recreativo, possuía uma diretoria de nomes nitidamente italianos, tal situação mudou conforme diz o autor do discurso:

“E hoje, abaixo de um nome estranho, o *Circolo Umberto I* é a pleiade brilhante de moços pletóricos de nacionalismo, vibrantes de amor à sua terra... alongando suas fileiras pela multiplicidade da nacionalidade, pela variedade das crenças” (11).

De fato, no período citado, encontramos homens de tôdas as nacionalidades integrando a sociedade, organizando as “partidas dançantes”, sendo homenageados. As Atas são escritas em português.

(10). — Arquivo Histórico, Museu Histórico Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”, Livros de Atas da Sociedade Dramática e Dansante Umberto I.

(11). — *Ibidem*.

com apenas duas excessões, em italiano, mas com a explicação “funzionando da secretario”. A única comemoração realmente grandiosa foi a festa já mencionada da “100.a partida dansante”, com discursos de membros de tôdas as sociedades locais. De cunho mais italiano foi a entrega de uma condecoração do govêrno dêsse país a um membro da colônia local. Há um recorte de jornal narrando a entrega, que foi colado ao Livro de Ata. Por êsse recorte, vemos que se menciona um Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, mas não se explica se é em São Paulo ou em Rio Claro. Talvez seja referência ao Gabinete de Leitura da cidade, que, segundo Romeu Ferraz (12), pertencera à Sociedade Italiana. Tal fato e as representações teatrais levadas a cabo pelos membros da Umberto I, parecem contrariar a afirmação de Cenni (13) que fala da inexistência de uma ação sistemática italiana no plano cultural. Ao que parece, não houve uma ação sistemática e organizada em Rio Claro. Só temos notícias de uma ação esporádica, na atividade da Umberto I, que organizou várias representações teatrais, conforme vemos pelas Atas da Sociedade. Quais eram as obras representadas, de que proveniência e categoria, não sabemos. As Atas falam apenas de “dramma ou comédias”. Certamente, não teriam um alto nível, pelo contrário, tem-se a impressão de que deveriam ser de caráter quase popularesco, mas, relativamente freqüentes. Rio Claro sempre amou o teatro e já em 1864 fôra inaugurado o teatro São João, há poucos anos derrubado. (Entretanto, o amor ao teatro ainda persiste e encontramos um número grande de grupos amadores). Representações teatrais, faziam parte das festividades cívicas. Na comemoração da Proclamação da República, que tiveram brilho excepcional, as festas foram encerradas com teatro, pois Rio Claro foi dos mais antigos e ativos centros republicanos.

Curioso o fato de que durante êsses festejos foi plantada uma árvore, que chamaram de “árvore da liberdade” e o orador foi o redator da “Liga Italiana”.

Em relação à vida cultural, os alemães de Rio Claro tomaram a dianteira aos italianos, talvez pelo fato de serem mais instruídos do que êstes, quando aqui vieram, ou também pela estreita ligação que existe entre o conhecimento da Bíblia e o idioma alemão. O próprio Davatz já fala do interêsse dos colonos em instruir seus filhos, sem manifestar indiferença pela cultura e língua de origem, como assinala Willems. N. Martins de Almeida quando se refere ao Colégio Koelle cita o seguinte trecho:

(12). — Romeu Ferraz, *Album de Rio Claro*, (Rio Claro, Typ. Hennies Irmãos, 1922).

(13). — Franco Cenni, *Italianos no Brasil*, (São Paulo, Livraria Martins Editôra, s/d).

“Desde a sua chegada da Europa à Rio Claro, no ano de 1852, os colonos suíços e alemães cuidavam com zelo e abnegação da instrução de seus filhos. Já no meado do século passado, esforçaram-se eles por ensinar seus filhos em seus próprios lares e, nos últimos anos da década de 1870, diversas experiências foram feitas com professôres improvisados, mas sem sucesso. Entabulou então o Rev. Jacob Zink, pastor da comunidade evangélica de Rio Claro, entendimentos com amigos de sua Terra Natal, para conseguir um professor apto e conveniente para a sua comunidade em Rio Claro” (14).

Com a vinda de Theodoro Koelle em 1883, fundou-se a Escola Alemã, origem do atual Ginásio Koelle, de tão grande papel na vida da cidade, da região e mesmo de outros estados sulinos. Nêle, o ensino do alemão era matéria primordial, sobrepujando o português durante muitos anos e mantendo vivas a cultura e a língua germânicas. Só nos anos que antecederam a II Guerra Mundial o português se tornou a língua mais importante, sem que fôsse abandonado o estudo do alemão. Imigrantes dos Estados do sul aqui mandavam seus filhos para estudar, crescendo sempre mais a fama do colégio, entre as comunidades alemãs e quando as aulas já não mais eram ministradas em alemão, passou a ser também procurado por elementos de grupos diversos. Aliás, o período dessa mudança coincide com a época em que se abandonou o uso dessa língua para as inscrições dos túmulos do Cemitério Evangélico. Alguns anos antes do início da II Guerra Mundial o Colégio Koelle inaugurou um completo aparelhamento de educação física. Aliás, no campo esportivo, sempre foi importante a ação dos alemães e seus descendentes. Nos próprios terrenos do Colégio havia um grupo local que se dedicava a exercícios de ginástica, mas, com os acontecimentos da I Guerra Mundial, foram obrigados a cessar suas atividades e acabaram por constituir-se em uma sociedade, o Clube Ginástico Rioclarense. Também se inauguraram saunas e banhos turcos, criando na cidade um centro de fisioterapia. Mesmo atualmente, o esporte tem importância na vida local e sobretudo os alunos do Colégio Koelle participam ativamente da vida esportiva estudantil, detentores de numerosas vitórias.

E' fora de dúvida que a presença desses estrangeiros que fizeram de Rio Claro a sua comunidade teve um efeito salutar no ponto de vista do desenvolvimento da região, seja cultural, seja economicamente, mesmo que não tenham sido o “sal da terra”, como se lê no comentário exagerado de Tschudi (15).

Dentre os jornais que se fundaram na cidade e diz a tradição, que foram mais de setenta, muitos tiveram diretores estrangeiros ou

(14). — Nelson Martins de Almeida, *op. cit.*

(15). — Tschudi, *op. cit.*, p. 155.

foram escritos em outras línguas. E' o caso do *O Correio do Oeste* de 1880, redigido por Nicolau Wendlged, do *Il Citadino* de Alfredo Volpe, êste de 1912. São raros os exemplares de jornais antigos e isso dificulta o estudo dêsse material que seria dos mais proveitosos e interessantes.

A arquitetura, por exemplo, em seus telhados e beirais mostra características da influência alemã, que se fêz sentir muito mais do que a italiana no sentido da construção civil. Numa descrição da cidade em 1922 o bairro da

“Cidade Nova, mais conhecida por bairro dos alemães, a ostentar em meio a vastos pomares, as suas poucas construções, no fundo de áreas bem espaçosas” (16)

lembra a germânica cidade de Joinville.

A vida econômica, sobretudo o comércio e a indústria também sofreram influxo dos imigrantes. Além da indústria artesanal, ligada à vida rural, teve importância a fabricação de bebidas, sendo a cerveja a bebida principal, fabricada no fundo dos quintais e vendida nas portas das casas, onde os homens se reuniam para conversar. Nos fins do século passado, 90% dos fabricantes de cerveja eram alemães, mas nos inícios dêste, o número se reduz a 40%, até que essa indústria perdeu o seu caráter local. Atualmente as duas grandes indústrias de bebidas Caracu e Mãe Preta não mais estão nas mãos dos descendentes de famílias germânicas (17) embora, em 1939, uma delas tenha chamado um técnico da Alemanha.

Um outro aspecto, entretanto, é o da permanência dos descendentes daquelas famílias na cidade, exercendo, porém, uma atividade diferente da de seus antepassados. Constatou-se que a segunda geração dos imigrantes que vieram para atividades rurais, estabeleceu-se no núcleo urbano como comerciantes e donos de pequenas indústrias e a terceira e quarta geração se tem concentrado nas atividades liberais (18).

Mas, a influência alemã e italiana não é tão visível quanto no sul do país. Rio Claro é, em quase todos os aspectos igual às outras cidades do interior paulista, pois, em quase tôdas elas houve a presença de imigrantes e do café, que lhes deu importância. Se, a presença do estrangeiro foi grande nos fins do século XIX e primeiro

(16). — Romeu Ferraz, *op. cit.*

(17). — Margarida Maria Penteado, *A função industrial em Rio Claro* (em publicação).

(18). — Pesquisa em andamento do Prof. Sedi Hirano, da Cadeira de Sociologia (Curso de Ciências Sociais), FFCL, Rio Claro, Universidade de Campinas, S.P.

quarto do século XX, ela se tornou muito menor nos anos posteriores. Em 1950, segundo o cálculo do IBGE a porcentagem de estrangeiros era menor em Rio Claro do que em outras cidades deste Estado. Enquanto naquela, o número de estrangeiros constituía 5% da população, essa média nas diversas cidades do Estado de São Paulo era de 8%. Isso significa que Rio Claro não foi muito procurada pelos imigrantes depois dos períodos citados.

Há, entretanto, até hoje, predominância de nomes alemães e italianos nas casas de comércio, nas indústrias, no cadastro das profissões. São, de modo geral os mesmos nomes dos que imigraram para a região. O radicar-se é uma das características das famílias da cidade.

Desde fins do século passado, Rio Claro recebeu outros grupos étnicos, como as outras cidades do Estado. Mas, aquelas comunidades, se bem que atuantes, não marcaram tão profundamente a vida da cidade como as alemãs e italianas. Estas participaram e influenciaram intensamente na vida rioclareense e o aspecto de uma dupla influência, que se fez sentir com igual intensidade, tornou Rio Claro de certo modo, um caso menos comum entre as cidades paulistas.

Houve uma diminuição na vinda de estrangeiros, nos anos que se seguiram ao grande período imigratório do século XIX, voltando temporariamente a aumentar no período posterior à I Guerra Mundial. Não temos dados a respeito dessa nova onda migratória em Rio Claro, mas, certamente foi semelhante ao do resto do Estado de São Paulo, onde encontramos em 1920 a maior porcentagem de estrangeiros no Estado (19), cerca de 23% de estrangeiros no total da população.

Na época da II Guerra Mundial não havia em Rio Claro grupos numerosos de imigração recente. Nesse aspecto, difere do período abrangido pela I, quando se fez sentir com intensidade principalmente o papel dos alemães. Essa ação se fazia sentir sobretudo por meio do idioma, que tinha o Colégio alemão como centro e pela religião representada pela Igreja Evangélica Alemã.

No fim da I Guerra Mundial foram atacados, tanto a Igreja que teve a sua torre danificada, como o Colégio, que teve arrancadas as águias germânicas que o guarneciam. Faltam, porém, documentos que nos permitam aprofundar melhor tão interessante assunto. Em relação ao período que nos interessa, aos anos de 1939-1945, também há em Rio Claro escassez de documentação. Neste caso, o problema primordial é o da Censura. Por outro lado, existe apenas um arquivo completo na cidade, o do jornal *A Cidade de Rio Claro*

(19). — CAPES. Estudos de Desenvolvimento Regional. São Paulo (Rio de Janeiro, 1959) p. 31.

uma vez que, o do outro jornal foi em grande parte destruído, sobretudo em relação aos números desse período. O fato de *O Diário de Rio Claro* pertencer a um italiano na época da II Guerra Mundial e ter havido certa animosidade contra êle, talvez explique isso. Al'ás, êle é o único que comenta a passeata e comício que precederam a entrada do Brasil no II conflito mundial, num dos poucos números que nos restam. Entretanto, começa essa descrição dizendo:

“Lamentamos que aquela hora da manhã ninguém os tivesse recebido. Como é sabido, a nossa profissão nos obriga a um trabalho que se estende, à noite...” (20),

pedindo desculpas por não ter recebido os estudantes que fizeram a passeata e continuando a comentar e descrever os fatos:

“De manifestação em manifestação de patriotismo... os estudantes... percorrem as ruas da cidade, a solicitar de todos os brasileiros um óbulo para os familiares dos náufragos dos navios brasileiros... teve início o grande comício promovido pela classe estudantina local contra os insultos a honra e dignidade nacional pelos representantes do Eixo” (21).

O *A Cidade de Rio Claro* não comenta nem descreve nenhum dos movimentos locais, tais como os enterros de Hitler, Mussolini, Hiroito, levados a cabo por estudantes e por operários da Companhia Paulista, que tem em Rio Claro a sede de suas oficinas.

Mas, apesar dessas lacunas, podemos sentir pe'os jornais de que maneira foi evoluindo o pensamento da população e como encarou os acontecimentos internacionais. Podemos mesmo dividir os anos que vão dos inícios de 1939 a julho de 1945 em duas épocas distintas:

1. — antes da entrada do Brasil na Guerra, quando a tendência era a de “neutralidade” e “imparcialidade”.
2. — quando se delineia mais claramente a posição do Governo Brasileiro e mais atuante se fazia sentir a influência do Pan-Americanismo e o jornal só publicava “as vitórias dos aliados e as derrotas do Eixo”.

Exemplificando êsse primeiro período temos o aviso do jornal *A Cidade de Rio Claro*:

Produzida infelizmente a luta que já ensanguenta a Europa, êste jornal leva ao conhecimento de seus prezados leitores e do público em geral, que fará todos os esforços possíveis para apresentar um

(20). — *Diário de Rio Claro*, 10-8-1940.

(21). — *Ibidem*.

serviço informativo colhido em tôdas as fontes, observando a máxima imparcialidade.

A posição da *Cidade de Rio Claro* é a mesma e não podia ser de outra forma, a do Governo do nosso País que já proclamou a sua neutralidade em face do presente conflito (22).

Mas, mesmo no primeiro período a tendência maior era pró-aliada, o que aliás acontecia em quase todo o país.

“A maior parte da população era aliada; quando a guerra se definiu, ficou numa base de 80% Aliada e 20% Eixo”.

Mesmo os súditos dessas potências eram, em certos casos, partidários dos aliados ou não se manifestaram claramente a respeito quer porque temessem represálias, ou porque estavam indecisos quanto à posição a tomar.

A neutralidade do Brasil permitiu a adesão a um e outro lado e muitos dos entrevistados se manifestaram com espontaneidade:

“Eu era italiano e fascista. Achava que Mussolini era um grande homem que governou a Pátria e fez muito por ela. Os movimentos de antes da guerra eram autorizados pelo Governo Brasileiro. Aqui em Rio Claro marchavam juntos os fascistas de camisas pretas e os integralistas de camisas verdes”.

ou, segundo outro depoimento:

“sendo o Brasil neutro, inclinei-me, de início à Alemanha, pelo seu desenvolvimento, progresso bélico”.

Mas, todos afirmam que não desobedeceram as leis do país e acabaram adotando a orientação do Governo Brasileiro.

O jornal procura cumprir a promessa de bem informar e ser imparcial. Publica notícias de tôdas as fontes, abrangendo as regiões atingidas pela Guerra, mas notamos que predominam as vindas de Roma ou as que nos atingiam via Estados Unidos. As provenientes da Alemanha não são muitas, mas falam da superioridade técnica desse país e nota-se um certo espanto admirativo a respeito do desenvolvimento teuto. As notícias são numerosas, com manchetes maiores e títulos atraentes. A guerra, se bem que esperada, parece surpreender, principalmente o seu aparato bélico e o papel da aviação. Nota-se por outro lado, o desejo de saber o que está acontecendo nos diversos países e sobretudo, que atitude tomará a Itália.

Essa curiosidade a respeito da Itália é facilmente explicável, uma vez que havia grupos de imigrantes chegados poucos anos antes, pressionados pelos acontecimentos decorrentes da I Guerra Mun-

(22). — *A Cidade de Rio Claro*, 5-9-1939.

dial e que mantinham estreita relação com a mãe-pátria, onde haviam deixado amigos e familiares

A comunidade alemã também contava com elementos chegados nos mesmos períodos, não só vindos da Europa, mas, muitos deles provenientes de Santa Catarina ou de cidades próximas, como Campinas, por exemplo. Alguns se ligavam por laços de parentesco a outros da comunidade, uma vez que houve casos de famílias alemãs que se dividiram no século XIX, indo alguns para Santa Catarina e outros para Rio Claro e outras regiões do Estado de São Paulo. Esta cidade, sem dúvida lhes oferecia atrativos, não só por contar com atuante grupo de origem germânica, mas também pelo Colégio Alemão, onde alguns haviam estudado, e igualmente, por existir um número de não católicos ligeiramente superior ao das outras cidades paulistas. Em 1951, enquanto que a porcentagem de católicos nas cidades do Estado era de 91%, em Rio Claro encontramos 89% de católicos (23).

Outro fator de interesse é que Rio Claro sempre teve uma porcentagem muito maior de habitantes na zona urbana do que na rural (24) e desde fins do século passado fez questão de se modernizar, procurando adotar todos os melhoramentos, como a luz elétrica, bem antes do que as outras cidades do país (25).

No ponto de vista dos problemas econômicos, os de Rio Claro não são muitos diferentes dos das outras cidades paulistas, nos anos que antecederam a II Guerra Mundial. A estagnação econômica, consequência da crise de 1929 e todos os problemas a ela correlatos, não especificamente rio-clarenses, trouxeram graves entraves financeiros para o município:

“Com tôdas as verbas inteiramente esgotadas, a organização municipal encontrava-se a braços com tremendas responsabilidades” (26).

Levando-se em conta os serviços futuros e os títulos vencíveis no decorrer do período, temos um total de 4:502.3723600 réis para as despesas, com um Haver de apenas 791.455\$200 réis. Apesar de que, em parte, essa crise financeira foi superada pela cidade nos anos posteriores, ela não deixou de se afetada pela

“... pressão resultante dos gastos de guerra e a baixa da produtividade provocada pelas dificuldades de toda a ordem criadas pela mesma guerra, compreende-se o extremo esforço a que foi submetido

(23). — IBGE: Conselho Nacional de Estatística, *Rio Claro*, (São Paulo, 1957).

(24). — *Ibidem*.

(25). — Nelson Martins de Almeida, *op. cit.*

(26). — *Ibidem*.

o sistema econômico e a estagnação a que esteve submetido nesse período” (27).

Este aspecto teve muita importância, pois, influiu na maneira como a população reagiu à guerra, sobretudo na maneira de encarar os súditos do Eixo que viviam no município. É fácil compreender o desagrado com que eram vistos os donos das casas de comércio, uma vez que

“o nível geral dos preços, que entre 1929 e 1939 havia aumentado apenas em 1 por cento, entre 1940 e 1944 sobe 86 por cento” (28).

De modo geral, a exasperação dos rioclarenses se manifestou no sentido de ataques a lojas, tais como o apedrejamento de uma farmácia e o fechamento da pastelaria de um japonês. É evidente que o desagrado em relação aos comerciantes se acentuava quando eram de nação inimiga.

Pelo jornal, podemos seguir o contínuo descontentamento pela subida do custo de vida, pelo racionamento, pela substituição de combustíveis de boa qualidade pelo gazogênio, muito inferior. As grandes manchetes, os artigos de fundo, contínuos e insistentes, que abordam tais problemas, queixam-se da rapacidade dos comerciantes, noticiando com destaque quando algum era submetido a processo e nos mostram claramente o estado de espírito da população. Alguns comerciantes eram, não só súditos do Eixo, mas, muitas vezes, recém-chegados. Podemos observar como foi elevada a imigração, sobretudo de italianos, nos anos de guerra, pelos gráficos. (Quadros 1, 2, 3, 4 e 5).

Ao lado da questão econômica, houve por essa época, um problema demográfico. Se bem que o recenseamento de 1940 não mereça total confiança, é digno de nota que conclui que em Rio Claro havia 47.287 habitantes, enquanto que o de 1950 acusa um decréscimo de 47.073. Todavia, na época da Guerra, 2.730 imigrantes estrangeiros se estabeleceram na cidade, talvez em decorrência da proibição de permanecerem na orla litorânea. Foi pequeno o índice de nascimentos, pois o jornal *A Cidade de Rio Claro*, ao comentar o Recenseamento de 1938, diz que nessa data nasceram 170 crianças a menos do que em 1927, exclamando:

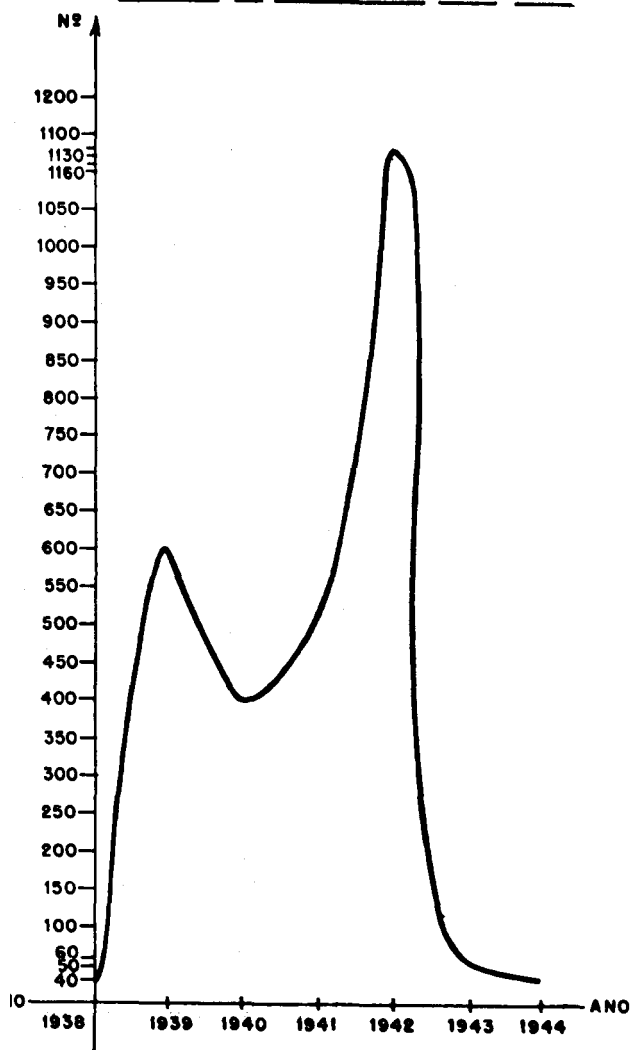
“Caminhamos nós para a situação da França?” (29).

(27). — Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil* (Brasília, Edição da Universidade de Brasília, 1963) p. 257.

(28). — *Ibidem*, p. 263.

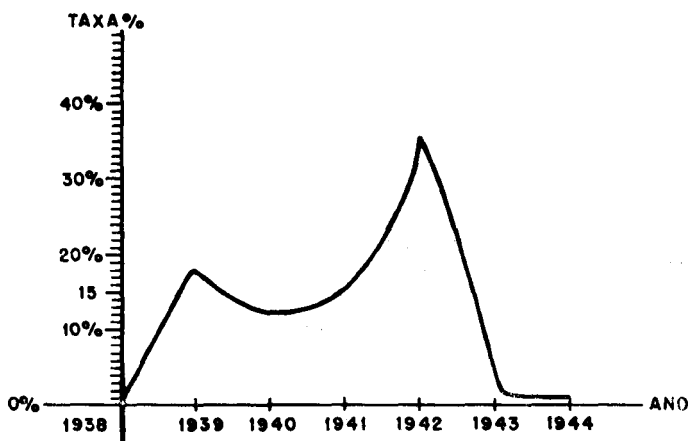
(29). — *A Cidade de Rio Claro*, 9-9-1939.

— QUADRO 1 —
NÚMERO DE IMIGRANTES. 1939-1944



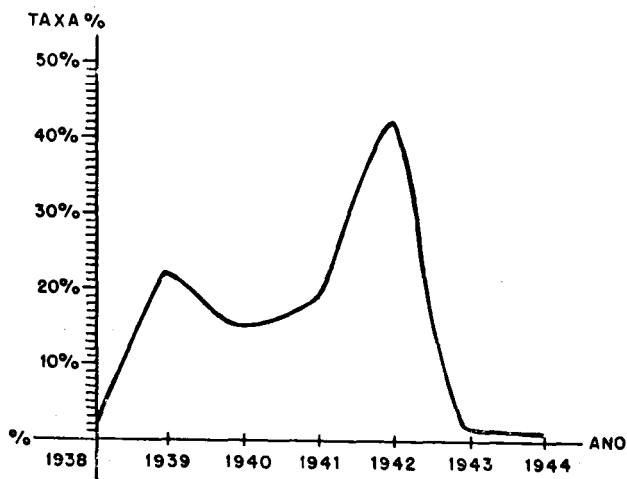
Escala: 1:100
Ano Base: 1938 = 10

— QUADRO 2 —
IMIGRAÇÃO 1938-1944



Nota: A taxa percentual foi calculada com base no total geral = 3168. Escala = 1:10

— QUADRO 3 —
IMIGRAÇÃO. 1939-1944



Nota: Escala 1:10. Ano Base: 1938 = 0%. A taxa percentual foi calculada com base no total parcial = 2730.

QUADRO 4.
DISTRIBUIÇÃO DE IMIGRANTES. 1939-1944.

ANO	N.º DE IMIGRANTES	TAXA
1939	600	22%
1941	400	15%
1942	1130	42%
1943	60	2%
1944	40	1%
Total	2730	

Nota: A taxa percentual foi calculada com base no total parcial 2730 — número de imigrantes de 1939-1944.

QUADRO 5.
IMIGRAÇÃO E NACIONALIDADE. 1938-1967.

NACIONALIDADE	Nº DE IMIGRANTES	TAXA
ITALIANOS	1628	51,4 %
LIBANESES	123	3,88 %
PORTUGUESES	473	14,9 %
ESPAHÓIS	375	11,8 %
DINAMARQUESES	7	0,22 %
INGLESES	12	0,37 %
IUGOSLAVOS	1	0,31 %
CHILENOS	2	0,063%
SUIÇOS	8	0,25 %
ALEMÃES	122	3,85 %
AUSTRÍACOS	56	1,7 %
LITUANOS	38	1,11 %
SÍRIOS	40	1,25 %
ROMENOS	15	0,47 %
SÉRVIO-CROATAS	1	0,031%
HOLANDESES	8	0,25 %
JAPONESES	70	2,55 %
PARAGUAIOS	1	0,031%
FRANCESES	6	0,18 %
ARMÊNIOS	4	0,12 %
BOÊMIOS	2	0,063%
POLONESES	28	0,88 %
ARGENTINOS	32	1,11 %
ESLOVACOS	1	0,031%
URUGUAIOS	3	0,094%
HÚNGAROS	2	0,063%
NORTE-AMERICANOS	3	0,094%
TOTAL	3128	

Após a entrada dos Estados Unidos e sobretudo a do Brasil na Guerra, o estado de tensão começou a crescer, principalmente por causa das restrições econômicas e pelo importante papel que a propaganda vinha adquirindo.

A situação dos imigrantes, que ocupavam, em muitos casos, altos postos no setor comercial e industrial e gozavam de posição de prestígio na cidade, tornou-se mais difícil. Falava-se que a qualquer momento seriam confiscados os seus bens e muitos deles temiam que isso acontecesse realmente. Mas, os imigrantes se queixam sobretudo dos entraves e dificuldades que tiveram de superar devido ao congelamento de seus bens e à questão dos salvo-condutos que dificultavam suas viagens. Todos fazem referência a êsse ponto, alguns explicando o quanto tais circunstâncias lhes prejudicaram o trabalho, outros, achando natural que se aplicassem tais medidas aos cidadãos de países inimigos.

As represálias levadas a cabo por ocasião da I Guerra Mundial ainda permaneciam na memória dos habitantes, e têm-se a impressão de que esperavam a repetição de tais fatos, a qualquer momento. A confusão que muitos estabelecem entre os acontecimentos de uma e outra guerra é significativo, mostrando ser semelhante o estado de espírito da população nos dois períodos. Em relação ao Colégio Koelle, por exemplo, há quem afirme que foi atacado tanto na época da I como da II Guerra Mundial, se bem que a maioria diz que uma represália por ocasião do II conflito não teria sentido, uma vez que os proprietários eram brasileiros. De qualquer modo, a fim de não oferecer motivo para ataques, foram distribuídos todos os livros em alemão da Biblioteca do Colégio. Entretanto, o que dificulta o conhecimento de tais fatos é a população não desejar comentá-los, pois a instituição é, até hoje, motivo de orgulho para a cidade. Aliás, os jornais não mencionam sequer essa questão de represálias, como que envergonhados de tais excessos.

Não se deve pensar porém que êsse estado de tensão signifique que a população concentrava os seus interesses nos acontecimentos da II Guerra Mundial. O jornal local não nos dá essa impressão. Sobretudo, a partir de 1940, dando a entender que a Guerra seria longa, passa a colocar as notícias do conflito nas páginas internas deixando as grandes manchetes para fatos da cidade, mesmo os corriqueiros e banais como o Natal e o Carnaval e outros assuntos de interesse da população, sobretudo, os que dizem respeito aos gêneros alimentícios e aos carburantes. É verdade, que o noticiário sobre o conflito era lido nos jornais de São Paulo e sobretudo conhecido por meio do rádio, muito ouvido. Não só a estação de rádio da cidade e as de São Paulo eram escutadas, mas também as dos países beligerantes, mesmo as do Eixo, apesar da proibição.

Em relação à questão da propaganda é muito importante o papel dos Estados Unidos no sentido de uma união cada vez maior e adesão dos habitantes de Rio Claro à causa aliada. O Pan-americanismo é fortemente acentuado e qualquer notícia relativa às reuniões Pan-americanas, às suas resoluções e outros fatos do mesmo teor são muito comentadas no jornal. As notícias a êsse respeito ocupam um importante espaço, apenas inferior ao de acontecimentos considerados extraordinários, como a derrota da Itália, o ataque aos navios americanos em Pearl Harbour, ou, como não podia deixar de ser, a participação do Brasil na Guerra. Por outro lado, são muito valorizados os auxílios que os americanos prestaram à França e à Inglaterra e quando da participação dos Estados Unidos na luta, os soldados desse país são seguidos em todos os *fronts* e são ressaltadas sua coragem e espírito de sacrifício. Nesse aspecto da propoganda americana, o cinema teve um grande papel. Os filmes escolhidos para Rio Claro, são, de maneira quase absoluta dessa proveniência, o que se entende facilmente, sabendo-se o estado de beligerância em que se encontravam os outros países. Mas, ao lado dos filmes de ficção há numerosos documentários a respeito desse país. Entretanto, teria sido possível exibir filmes menos recentes de outra procedência, se se quisesse. Em 1939-1940, ainda é exibido um filme sobre a linha Siegfried e dias depois um sobre a linha Maginot, posteriormente só encontramos filmes de Hollywood, muitos sobre a própria Guerra e no jornal, a propaganda de tais filmes acentua a coragem e o espírito de sacrifício desses soldados.

Mas não deixa de haver na cidade alguma atividade prática em relação ao Pan-americanismo. Em 1941 foi recebido o representante da juventude americana, acompanhado pelo representante da juventude brasileira, que já estivera nos Estados Unidos. A presença desses jovens na cidade, suscitou festejos e comentários.

Mesmo tão valorizada a atuação americana, em dados numéricos e em comentários locais, o país sobre o qual mais se fala é a Itália. Nos meses que antecederam sua decisão de participar da Guerra, a respeito das posições que iria assumir, dos discursos de Mussolini; sobre os súditos italianos no Brasil e outros. Mais tarde, a respeito das batalhas em que participaram os italianos, sobre o avanço de tropas aliadas nesse país e finalmente a respeito da paz, da morte de Mussolini, etc. Quanto aos combates na Itália, o interesse maior diz respeito à presença da FEB nessa nação, que suscitava o mais vivo interesse aumentado pelo fato de ali também se encontrarem combatentes rioclaenses. De qualquer modo, quantitativamente, são muito maiores as notícias a respeito da Itália do que as da Alemanha. Se, contamos em 1939 doze notícias sobre aquele país, sobre a Alemanha encontramos apenas quatro.

Após a derrota italiana, haverá o aparecimento de artigos pedindo que se revejam as posições e se abandonem as restrições que pesam sobre os italianos e seus bens. *O Cidade de Rio Claro*, transcrevendo um jornal de São Paulo publica um artigo sobre “Os italianos amigos do Brasil” no qual se diz que os italianos aqui radicados são leais à nossa pátria e não vieram da Itália de Mussolini. . .

“Os filhos da Itália no Brasil estão plenamente integrados na comunidade brasileira” (30).

Muitos outros artigos do jornal local abordam a questão das medidas restritivas, taxando-as de injustas somente em relação aos italianos. Em relação aos súditos de outros países do Eixo, o jornal não faz comentário algum, mesmo porque ainda seus países se mantinham em guerra com o nosso.

“E, aqui no Brasil, nossa imprensa . . . já tem feito ver que o italiano é nosso amigo, de fato, tem sido um dos maiores colaboradores do progresso nacional, e especialmente de São Paulo” (31).

E’ evidente que tais artigos poderiam ser encomendados, mas a repetição desse tema leva a crer que o abandono das medidas restritivas não parecia antipático à população, fato confirmado pelos entrevistados. Além de terem um grande número de descendentes, esses italianos participavam há muitos anos da sociedade local, de modo geral, procurando se ligar sempre mais à vida da cidade. Isso pode ser seguido pelas notícias do jornal e pelo livro de Atas da Sociedade Umberto I. De 1923 a 1927, vemos por esse livro, o esforço de integração levado a cabo através de convites a membros de outras etnias para que participassem da Sociedade e as homenagens que eram prestadas às pessoas gradas da cidade, sem levar em conta a sua origem. Pelas cópias de dois documentos, vemos que, a própria *Società Italiana di Istruzione e Beneficenza*, muito mais restrita, pois inclusive escreve em italiano, faz questão de

“no fare eccezione tra le società costituite che usufruiscono della sua sede sociale”,

e não quer cobrar um preço diferente para a sua “co-irmã”, mas o mesmo que cobrava às outras sociedades que alugavam seus salões para as festas. (Figuras 1 e 2).

Nos anos de 1939-1940, notamos uma intensa movimentação italiana no sentido de levarem os habitantes da cidade a participarem de suas comemorações. Talvez a propaganda fascista tenha um papel nesse aspecto, pois, redigem convites em português e em ita-

(30). — Transcrição de *O Diário de S. Paulo*, 1-6-1944, na *Cidade de Rio Claro*, 2-6-1944.

(31). — *A Cidade de Rio Claro*, 13-6-1944.

Directoria do anno de 1925.

O "Círculo Umberto I^o" enviou uma circular a "Sociedade Italiana Beneficencia", que presentemente segue.

Rio Claro, 14 Fevereiro de 1926.

Ilmo R. Presidente da Sociedade Italiana
e demais membros da directoria
Cordeaes S. J. da Gales

O "Círculo S. J. Umberto I^o" vem solicitar de V. S. em obsequio, e fazer um justo apello. É de nosso conhecimento já que V. S. em ultima reunião de directoria, resolveram elevar o preço de aluguel dos salões da "Vossa sede social, para a quantia de 12,000 as sestasdas, e 4,000 as dominguias. Bem sabido por V. S. "Círculo S. J. Umberto I^o" e a Sociedade que se ha longos annos vem realizando as suas festas em a vossa sede social, e que ella organiza, adá por directores da "Sociedade Italiana" que tendo em chaingra os artigos de posse estatuto em que resa se ella uma Sociedade exclusivamente beneficencia, fazer, com que o "Círculo" com o seu proprio nome, successe realizar bailes afim de proteger os copes sociais da "Vossa benemrita Sociedade". Além disso o "Círculo" é a sociedade local co-irmã da "Vossa", e no seu inicio, para entre au-aliar-se, quer alugando os seus salões para os seus bailes, como realizando nos theatros locais espectaculos dramaticos, em que os lucros revertidos, eram entregues totalmente, a "Associação da Associação", hoje muito bem e consentidamente dirigida por V. S. e demais collegas. Expondo estes motivos, que nos os consideramos justos e que vimos apellar para que possamos gozar um outro direito sobre outras sociedades locais, faz suae com que os preços sejam, para partidas, de 12,000, e de 5,000 as dominguias.

Estes que são "discutiatur" são realizados, nos consideramos, de se já, sinceramente, gratos.

Respectante

Luigi La Rosa

Pela directoria

Secretario

Luigi La Rosa



SOCIETA' ITALIANA DI I. E. BENEFICENZA

FONDATA IL 10 DI OTTOBRE DEL 1894.

Séde: Rua 3 N. 27 - RIO CLARO - (E. de S. Paulo)

RIO CLARO, 13 di Febbraio di 1926

Almo. Sig.

N. d'ordine

Risposta a

Oggetto

Esregi sig. Direttore del C. S. S. Tombuto /
Rio Claro

Il Consiglio della Società I. E. Beneficenza, nella seduta del giorno 9 p. p., di libero non concedere la richiesta che voi fatta nel vostro ufficio in data del 9/2/1926, per non fare eccezione tra le società costituite che usufruiscono della sua sede sociale, per ciò continuano a mantenere i prezzi addebitati per l'affitto della sua sede.

Per le feste in tutta una notte - 60000
" " " fino alle ore 24 - 60000
" " " diurne dalle 12 alle 6 (18) - 60000
Tutti sono i prezzi fissati per la Società costituite come la vostra.

Senza altro per farla S. S. Beneficenza
Bernardes
Signe

Rio Claro
Il Consiglio della Società I. E. Beneficenza, nella seduta del

liano, colocando-os nos jornais em destaque. Quando da passagem de Eda Ciano pela Estação da Companhia Paulista, a Sociedade Italiana de Rio Claro organizou uma caravana para comparecer à estação de estrada de ferro, em homenagem a ela. Também são feitos convites aos membros da colônia e ao público em geral para missa comemorativa do aniversário de Mussolini e do “Rei da Itália e Imperador da Etiópia”, bem como para as exéquias de Bruno Mussolini.

Por outro lado, há avisos como este:

“... o digno agente Consular da Itália nesta cidade, recebeu do sr. Cônsul de seu país na Capital de nosso Estado uma especial recomendação para uma estreita colaboração com as autoridades brasileiras, visando o bom êxito do Censo Nacional de 1940” (32).

Em relação à posição política tomada pelos italianos de Rio Claro vemos que, tanto os partidários de Mussolini quanto seus inimigos se consideravam fiéis à Itália. A briga que dividiu a *Società Italiana di Beneficenza* é bem prova disso. Pelos jornais foi feita convocação a todos os sócios

“para intervirem à assembléia extraordinária que se realizará ... na sede social, Casa D'Italia...” (33).

Houve várias assembléias, numa das quais “quase saiu tiro”, segundo um dos entrevistados. A discussão foi a respeito da colocação de fotografias dos soberanos da Itália e de Mussolini na sede social e isso irá cindir a sociedade. Ela será posteriormente fechada e encampada, como aconteceu com tôdas as sociedades de países inimigos, acabando todos os cursos de línguas que mantinha. Mas, se em muitas cidades êsses prédios não mais foram devolvidos às Sociedades Italianas, como aconteceu mesmo em cidades vizinhas à Rio Claro, nesta, alguns anos após o término do conflito a Sociedade recebeu a sua sede de volta e recomeçou a funcionar. Isso mostra a força da colônia italiana local.

A posição dos descendentes de italianos foi a de enfatizar o quanto era lamentável a Itália estar integrando as potências do Eixo. Encontramos, por exemplo, o artigo de um filho de italiano que diz estar contente porque seu pai não chegou a assistir a episódios tão deprimentes e tristes. Essa posição de defender o país, acusando apenas seu ditador foi muito divulgada pelos filmes americanos, quando mostram o papel dos ítalo-americanos na Guerra. Apesar disso, muitos confessaram não dizer a ninguém que eram filhos de italianos, durante êsse período.

(32). — *Ibidem*, 25-8-1940.

(33). — *Ibidem*, 27-9-1940.

Quanto aos alemães, a falta de dados é maior, uma vez que, não encontramos manifestações públicas e convites ao povo para que participassem de suas cerimônias, como fizeram os italianos. Os jornais não tratam dos alemães como de uma comunidade, apenas há artigos tratando por exemplo da Igreja Alemã, ou do Colégio, sempre num sentido elogioso. Quando do falecimento do antigo Diretor do Colégio o jornal narra suas exéquias, às quais compareceu tôda a população da cidade. Na ocasião da II Guerra Mundial, os alemães de nascimento eram em Rio Claro, menos numerosos do que os italianos, se bem que seus descendentes mantivessem a língua e a cultura germânicas. Aliás, o hábito de falar alemão em casa foi mantido pelos membros dessa comunidade, como vemos pelo Recenseamento de 1950, onde se nota ser muito alto o número de brasileiros natos que falavam habitualmente o alemão, porcentagem muito mais elevada do que os que falavam em casa o italiano, apesar de serem, no Estado de São Paulo, muito mais numerosos os descendentes de pessoas dessa nacionalidade (34).

Em Rio Claro, a antiga Sociedade alemã *Amiticia*, continuava a existir, sem caráter político, ao que parece. Os alemães que para cá vieram em 1922-1924, sobretudo, fundaram uma outra sociedade, de curta duração, uma vez que ambas foram fechadas nos anos da Guerra. Tinham principalmente finalidade desportiva, organizando viagens, competições de tiro e outras. Alguns elementos, poucos, procuravam dar cunho político, demonstrando suas tendências, mas somente no período anterior à eclosão do conflito. Depois de 1939 não encontramos nenhum comentário feito por membros da comunidade germânica, nenhuma espécie de manifestação, seja de que tendência fôr. Pelo contrário, o manter-se calado parece ter sido a característica dos membros desse grupo. Também, são pouquíssimos os alemães que escolheram a cidade para habitar, na migração dos anos de Guerra. Mudaram-se nomes de lojas, houve um ou outro ataque e muitas passeatas feitas por estudantes e operários da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Os estudantes fazem proposta para que se mude o nome de Vila Alemã para Vila dos Aliados. Os fatos da I Guerra Mundial parecem ter permanecido na memória e impediram qualquer participação pública. Aliás, há dificuldade em se conhecer a opinião política e outros fatos, pois ninguém se confessa nazista ou gosta de chamar alguém de tal.

(34). — IBGE, *Recenseamento Geral do Brasil*. Censo Demográfico de 1950 (Rio de Janeiro, 1956). A informação é a seguinte:

Estado de São Paulo — Brasileiros natos que falam habitualmente alemão 6.550.

Estado de São Paulo — Brasileiros natos que falam habitualmente Italianos 3.389.

Os artigos e notícias em relação à Alemanha não são muito numerosos. A partir de 1943 já encontramos muitos filmes contra os nazistas ou reprodução de artigos como os de Emil Ludwig *A depressão psicológica do povo alemão* e outros do mesmo teor. De modo geral, os comentários jornalísticos tem cunho depreciativo, mas não excessivo e mesmo a palavra “nazi” quase não é encontrada. Mas, diferentes dos italianos, seja por temperamento ou porque encontravam ressonância menos favorável no seio da população, o traço mais marcante dos elementos de origem germânica de Rio Claro durante esse período, é a total ausência de qualquer manifestação. Digno de nota é a falta de qualquer espécie de união entre os elementos das comunidades alemã e italiana. Apesar de aliados na Europa, nenhuma relação entre os dois grupos se nota em Rio Claro. Cada grupo parece ignorar o outro.

Longa, distante e cansativa, a Guerra, a partir de 1940-1941 passou a ocupar um espaço menor no jornal, geralmente nas páginas internas. Qualquer assunto, como festas e acontecimentos locais suscitava muito mais interesse. As conseqüências da Guerra que afetavam diretamente a população da cidade ocupam gradualmente as manchetes e os artigos de fundo, geralmente enfatizando as dificuldades decorrentes da situação de guerra. Também, quando se acentua a crise brasileira que culminou com a queda de Vargas, o conflito ficou praticamente esquecido, apenas voltando a interessar na sua fase final. Apenas foi dado um destaque excepcional ao seu término e à volta dos pracinhas brasileiros, para os quais foi preparada grandiosa recepção.

Sendo parte de nossa história recente, as questões locais ocasionadas pela II Guerra Mundial não são facilmente comentadas pela população, sobretudo os problemas referentes às relações entre os súditos do Eixo e os outros integrantes da comunidade. No *Album de Rio Claro* de 1951, a guerra não é mencionada sequer, nem mesmo os rioclarenses que dela participaram. E' quase como se tivesse sido apenas um mau sonho.

*
* * *

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Helmut Andrä* (Instituto Hans Staden. SP.).

Na página 334 a Autora diz que os colonos importados para as fazendas de parceria “logo se desiludiram do trabalho agrícola e demandavam a zona urbana”. Sendo, porém, que os emigrantes continuavam ligados aos fazendeiros por contratos, pergunta então:

a). — como se efetuou o desligamento, por fuga ou devolução das despesas havidas aos fazendeiros?

b). — de que fonte vieram os meios necessários?

Na página 509, a filiação da Igreja Luterana de Rio Claro ao Sínodo do Brasil Central se deu somente numa época bem posterior, pois o Sínodo não existia ainda.

Na página 523, diz a Autora que “foram distribuídos todos os livros em alemão da Biblioteca do Colégio”. Pergunta: “distribuídos” ou destruídos. Haverá engano tipográfico?

Na página 509, afirma a Autora: “os presbiterianos já tinham construído a sua igreja, dez anos antes (1873). Aliás, os presbiterianos tinham feito de Rio Claro um centro missionário”. Pergunta: sendo vedado às religiões não-católicas, durante o Império, construir igrejas, ou edifícios reconhecíveis como tais, manter missões ou fazer propaganda religiosa, teriam os presbiterianos obtido uma licença especial ou o fato se refere a uma época posterior?

*

Da Profa. *Maria Regina Cunha Rodrigues Simões de Paula* (FFCL. da USP.).

Inicialmente cumprimenta a Autora pela sua preciosa colaboração ao Simpósio, preciosa dentro outros, por três motivos:

1º). — treinamento de uma equipe de alunos, mencionada no trabalho;

2º). — abordagem de fontes de história local, no caso específico de Rio Claro;

3º). — pela lúcida intuição na colocação e interpretação dos problemas estudados.

Apenas um motivo de surpresa e estranheza: a ausência de citação da obra pioneira do saudoso Prof. Émile C.-Léonard, seu mestre de História Moderna e Contemporânea na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, *O Protestantismo no Brasil*, editado em 1961, com um prefácio do Prof. Nicolau Salum reunindo em volume diversos artigos aparecidos na *Revista de História*.

Pergunta, pois, porque não mencionou essa obra pioneira do Prof. Léonard, onde há, entre outras, referências à Igreja Presbiteriana de Rio Claro?

*

* * *

RESPOSTAS DA PROFA. JÚLIA MARIA LEONOR SCARANO.

Ao Prof. *Helmut Andrä*.

Diz que êsse *logo* (pág. 508) significa que, quando lhes foi possível, os colonos abandonaram a zona rural, demandando a urbana. Não encontrou nenhuma documentação sôbre fugas ou desligamentos efetuados de maneira violenta; pelo contrário, parece que foram sempre pacíficos. O *logo* não foi empregando no sentido de “imediatamente”, mas no de “assim que lhes foi possível” e isso se deu, muitas vêzes, na segunda geração.

Afirmou também que, realmente a filiação da Igreja Luterana de Rio Claro ao Sínodo do Brasil foi bem posterior à sua fundação. Fêz apenas um apanhado geral da situação da Igreja Luterana em Rio Claro, acentuando a sua posição às vésperas da Guerras Mundiais.

Quanto à questão dos livros continua afirmando que os mesmos foram distribuídos entre amigos e ex-alunos, que os conservaram. Mesmo os de cunho essencialmente literário e os clássicos da literatura germânica foram distribuídos.

Sustentou que a Igreja Presbiteriana alcançou na cidade grande desenvolvimento e logo contou com muitos brasileiros entre os seus fiéis e mesmo entre os seus pastores. Alguns dêle foram para as cidades vizinhas e propagaram sua religião. Naturalmente, a maior divulgação se deu no período republicano, posterior portanto à data de sua fundação. E' isso que afirma no texto de sua comunicação.

*

À Profa. *Maria Regina da Cunha Rodrigues Simões de Paula*.

Inicialmente agradeceu calorosamente as referências elogiosas a seu respeito, passando logo a seguir a responder as questões formuladas.

Disse que, de fato, conhece a importantíssima obra do Prof. Léonard, e não deixaria de citá-la em obra de mais fôlego sôbre o assunto. A sua comunicação era epanas umas “considerações preliminares” e por isso mesmo baseava-se essencialmente em fontes rio-clarenses, sobretudo na documentação existente no Museu Histórico-Pedagógico Amador Bueno da Veiga, ligado à Cadeira de História da Faculdade de Rio Claro e dirigido pela Profa. Jeanne Berrance de Castro. Diz concordar plenamente em que a obra do Prof. Léonard é indispensável para qualquer estudo aprofundado do Protestantismo no Brasil.